

Diários de uma pandemia
Regresso à vida fora de casa

16 de junho de 2020

Sumário:

Nesta análise incluímos dados dos 4543 participantes que responderam, entre 25 de maio e 5 de junho de 2020 ao módulo de perguntas dedicado ao regresso ao trabalho e à vida social fora de casa. Destacam-se as seguintes observações:

- Mais de três quartos dos inquiridos referiram ter sido divulgado um plano de contingência da COVID-19 no seu local de trabalho. No entanto, 24% dos que trabalharam fora de casa na semana anterior não tinham conhecimento de uma recomendação específica de permanecer em casa em caso de sintomas sugestivos de COVID-19. Este achado foi particularmente relevante entre os trabalhadores do setor da saúde. Além disso, todas as estratégias específicas de contenção no local de trabalho eram menos reconhecidas pelos trabalhadores com menor rendimento.
- Das pessoas responsáveis por menores cujos estabelecimentos reabriram, 54% optaram por não levar as suas crianças. Metade dos inquiridos, com ou sem crianças, revelou preocupação com o efeito da reabertura no risco de infeção. A preocupação foi menor nos inquiridos mais escolarizados.
- As saídas de casa mais referidas foram para passear ou fazer exercício físico (76% dos inquiridos na semana anterior, semelhante entre idades), seguidas das visitas a familiares ou amigos (60%) e das idas à praia ou a espaços verdes (51%). As duas últimas foram mais referidas pelos mais jovens. As visitas a familiares foram mais frequentes na região Norte enquanto as idas à praia ou a espaços verdes foram mais comuns na A.M. Lisboa.
- Menos de metade dos participantes estiveram em esplanadas (40%), foram a estabelecimentos não essenciais (31%) ou estiveram no interior de restaurantes ou cafés (28%). Estas saídas foram mais frequentes nos indivíduos com 60 ou mais anos de idade.
- Na semana anterior, 14% dos inquiridos utilizaram cuidados de saúde presenciais. Apenas 8% usaram transportes públicos pelo menos uma vez, sendo essa frequência mais elevada na A.M. Lisboa.

O estudo:

Os Diários de uma Pandemia (<https://diariosdeumapandemia.inesctec.pt/>), uma iniciativa do ISPUP e do INESC TEC com o apoio do PÚBLICO, recolhem a cada dia e através de questionários aplicados online, a experiência individual de um largo conjunto de cidadãos entre 16 e 89 anos, que se propuseram deixar relato da forma como vivem este tempo, e em particular nos informam como atuam em relação a um conjunto de situações que poderão influenciar o curso da epidemia em Portugal. Entre 23 de março e 10 de maio de 2020, inscreveram-se para participar no estudo 13 565 pessoas, que ao longo do período em estudo preencheram mais de 350 000 questionários. Na análise incluímos dados dos 4543 participantes que responderam, entre 25 de maio e 5 de junho de 2020 ao módulo de perguntas dedicado ao regresso ao trabalho e à vida social fora de casa.

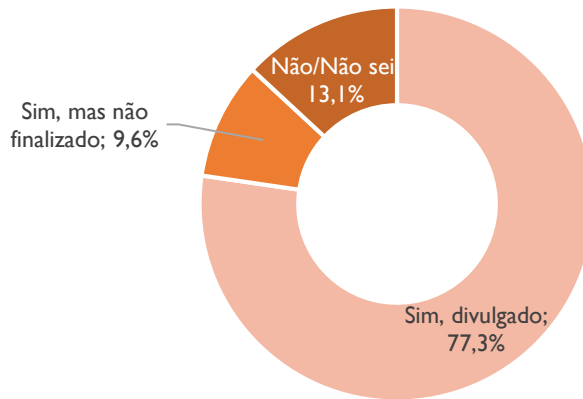
Resultados:

a) Trabalho

Dos participantes inquiridos, 3057 estavam empregados. Entre estes, 50,6% tinham trabalhado fora de casa pelo menos um dia da semana anterior; os restantes 49,4% nunca trabalharam fora de casa nesse período. Em Portugal continental, os residentes na região Centro trabalharam mais fora de casa (57,1%) enquanto os residentes na A.M. Lisboa foram os que menos trabalharam fora (42,8%). Também trabalharam mais fora de casa os inquiridos entre 40 e 59 anos (53,5%, comparados com 41,7% entre aqueles com 60 ou mais). Estiveram em teletrabalho pelo menos um dia da semana 67,5% dos inquiridos. O teletrabalho foi menos frequente na região Centro (54,7%) e mais referido na A.M. Lisboa (76,4%). Foi também menos frequente nos menores de 40 anos (63,6%) e mais frequente nas pessoas com 60 ou mais (72,4%).

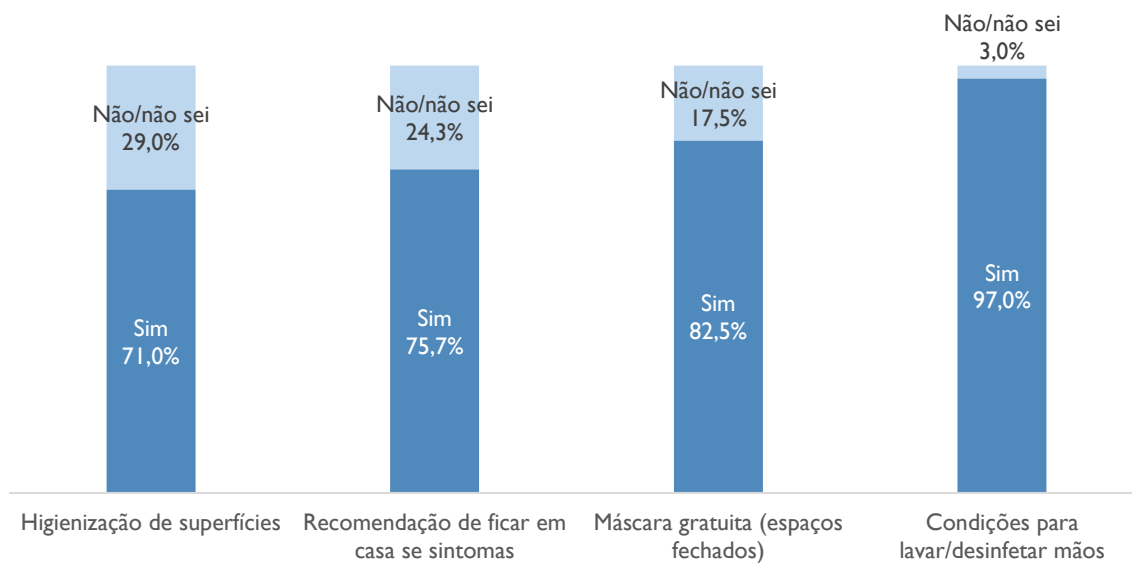
Dos 2707 participantes que trabalharam na semana anterior, fora de casa ou em teletrabalho, 77,3% referiram que tinha sido divulgado um plano de contingência da COVID-19 no seu local de trabalho, 3,3% referiram que existia plano mas ainda não divulgado, 6,3% disseram que o plano estava em preparação, 8,7% disseram não saber se existia ou estava em preparação um plano e 4,4% referiram que não existia nem estava em preparação.

Na última semana, existiu plano de contingência da COVID-19 no seu local de trabalho/aulas?



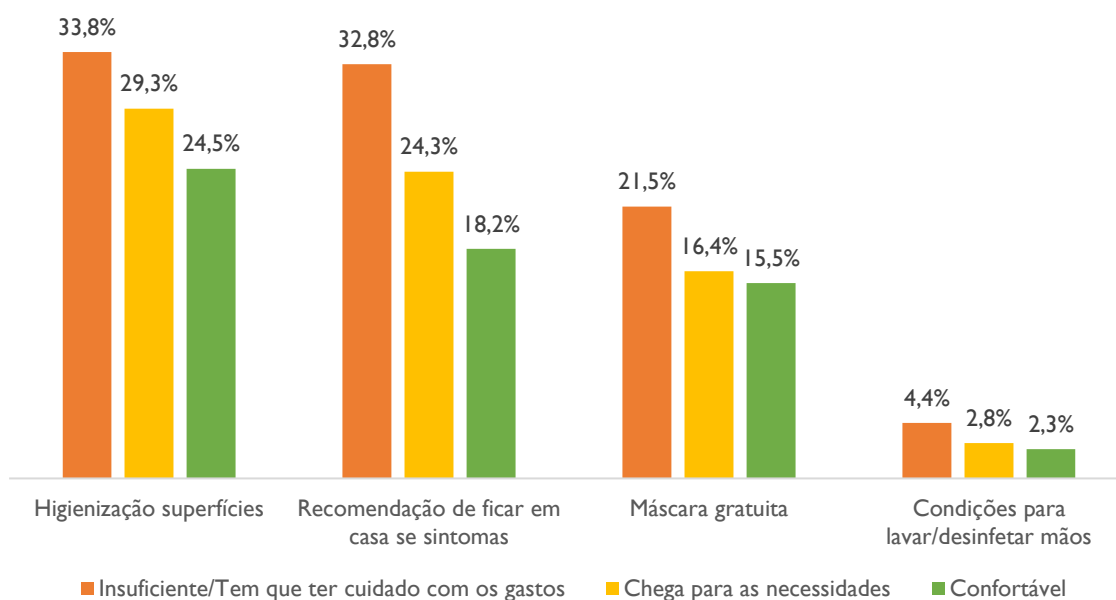
No que diz respeito às medidas concretas, entre os indivíduos que tinham trabalhado fora de casa na semana anterior, 29% não sabiam se as superfícies tinham sido higienizadas ou consideravam que não tinham sido corretamente higienizadas. É de destacar que, quanto à recomendação de permanecer em casa em caso de sintomas sugestivos de COVID-19, 24% não tinham conhecimento dessa recomendação ou referiram que ela não existia. Não sabiam se seria fornecida máscara gratuitamente ou não tinham acesso a este equipamento 18% dos trabalhadores. Finalmente, 3% dos inquiridos referiram não ter ou desconhecer se existiam condições para lavar ou desinfetar as mãos no local de trabalho.

Medidas de contenção aplicadas no trabalho



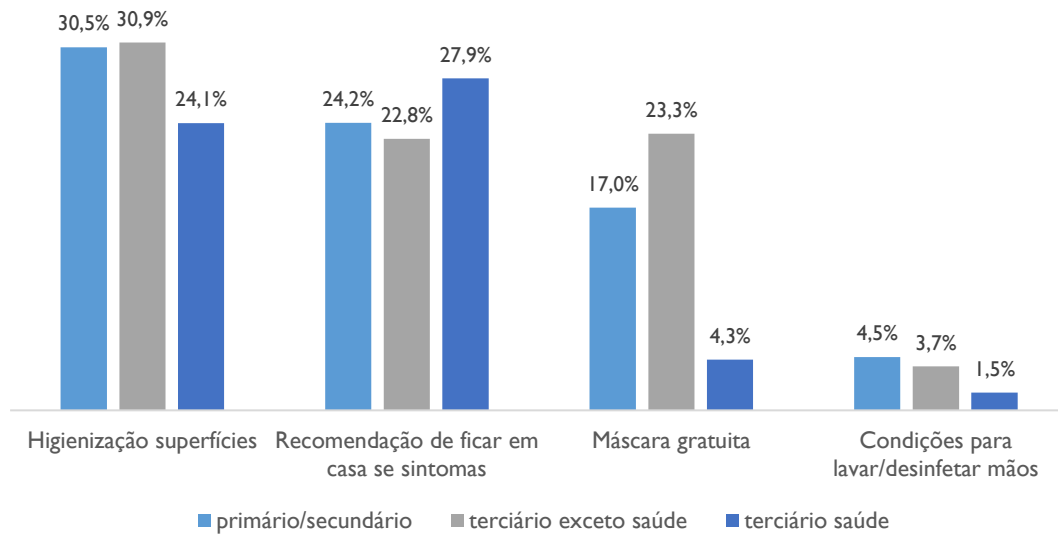
Quando analisada a relação entre o rendimento do agregado familiar e as medidas de contenção no local de trabalho, nota-se um gradiente social claro: os inquiridos nas classes mais baixas de rendimento foram os que mais referiram a ausência ou desconhecimento de recomendações quanto às várias estratégias de contenção, com especial destaque para a importância de ficar em casa em caso de sintomas: um terço dos inquiridos com menor rendimento não reconhecia esta recomendação comparado com menos de um quinto das pessoas com maior rendimento.

Participantes que responderam "Não" ou "Não sei" à existência de cada estratégia de contenção no trabalho, por classe de rendimento



No que diz respeito ao setor de atividade, o desconhecimento ou ausência das várias estratégias de contenção (higienização de superfícies, máscara gratuita e condições para higienização das mãos) foi geralmente menos frequente no setor da saúde. No entanto, é de salientar que foram os profissionais do setor da saúde que mais referiram não existir ou desconhecerem uma recomendação específica para que ficassem em casa em caso de sintomas.

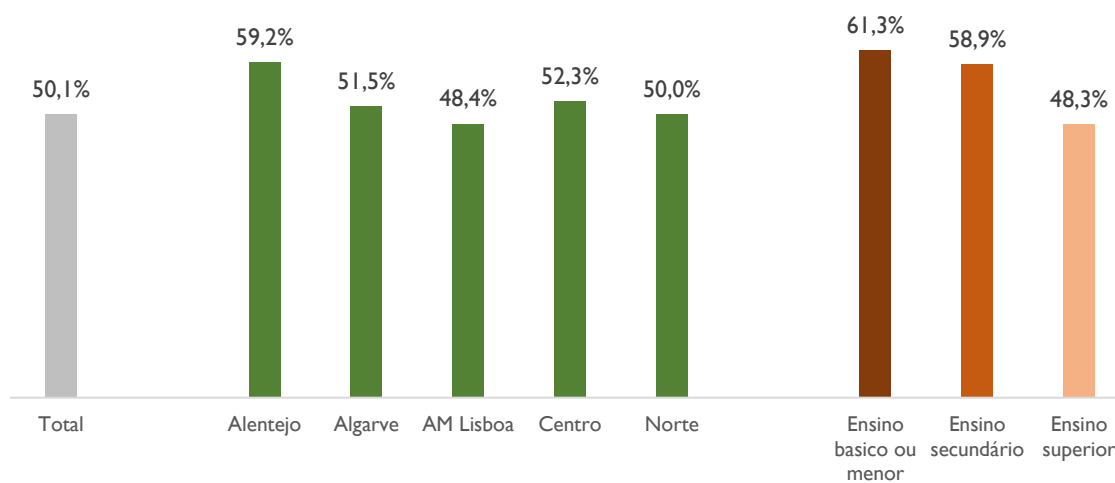
Participantes que responderam "Não" ou "Não sei" à existência de cada estratégia de contenção no trabalho, por setor de atividade



b) Reabertura dos estabelecimentos de ensino

Entre os 482 inquiridos que tinham a seu cargo crianças cujos estabelecimentos de ensino reabriram (berçários, creches, jardins de infância e escolas), 54,4% declararam que optaram por não levar pelo menos uma criança de volta ao estabelecimento apesar de este estar aberto. Esta proporção foi 48,0% na A.M Lisboa e 56,2% na região Norte. Quanto inquiridos acerca da sua preocupação com a possibilidade de a reabertura de berçários, creches, jardins de infância ou escolas aumentar o risco de as crianças ou outros membros da família serem infetados pelo novo coronavírus, 50,1% dos participantes responderam estar muito ou bastante preocupados. Esta preocupação decresceu com o aumento da escolaridade, de 61,3% nos indivíduos com o ensino básico ou menor até 48,3% nas pessoas com o ensino superior. Além disso, esta resposta foi mais frequente no Alentejo (59,2%) e menos na A.M. Lisboa (48,4%).

Muito ou bastante preocupado(a) com a reabertura de estabelecimentos de ensino



c) Vida fora de casa e utilização de serviços

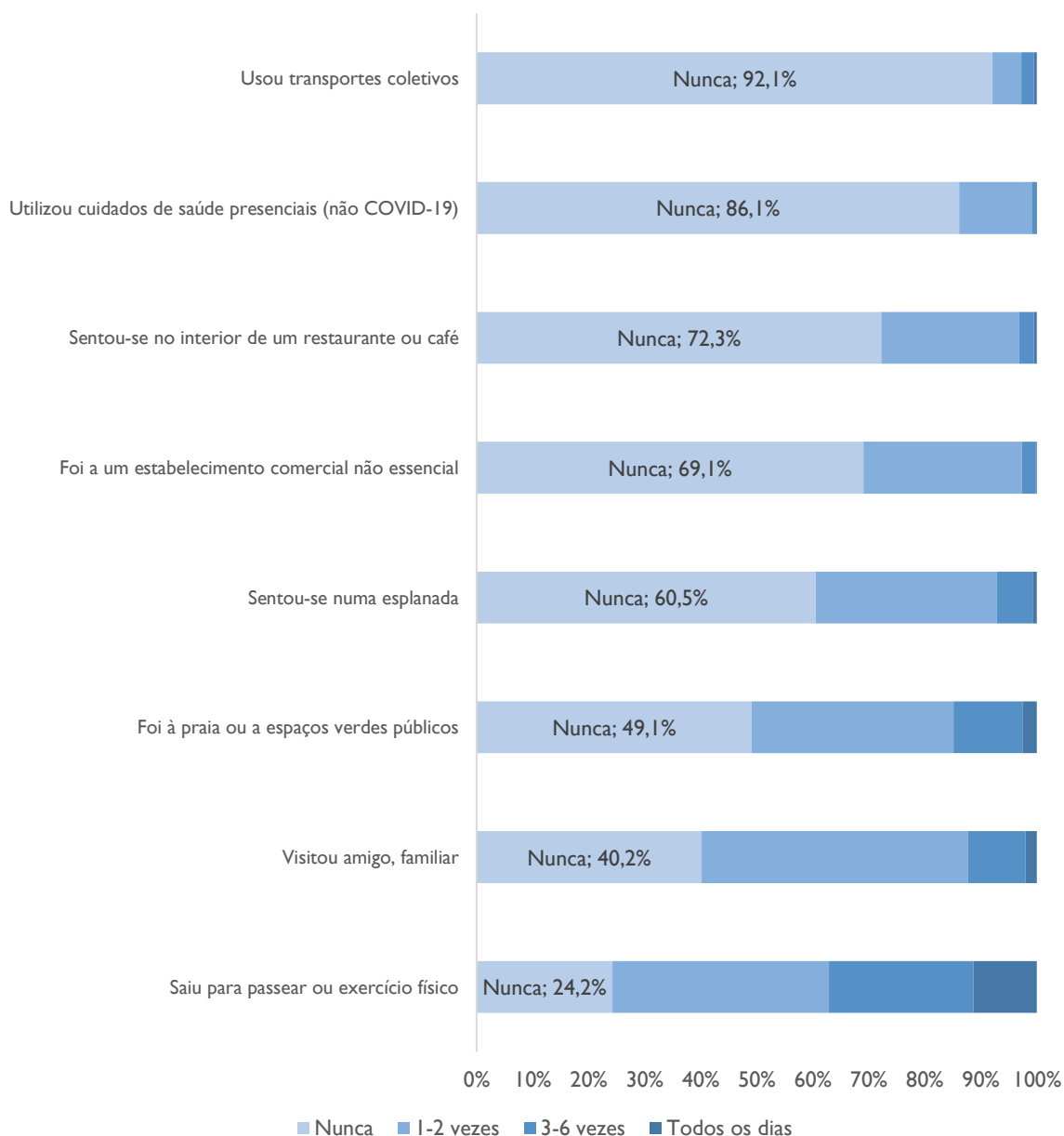
Na secção seguinte, além das estimativas globais e estratificadas por idade, são apresentadas proporções específicas para as regiões com maior número de casos reportados de infeção e com maior número de respondentes ao questionário: A.M. Lisboa, Centro e Norte.

Na semana anterior, mais de três quartos (76%) dos inquiridos saíram de casa pelo menos uma vez para passear ou fazer exercício físico, sendo esta frequência semelhante nas várias idades e ligeiramente maior na A.M. Lisboa. Foram visitar familiares ou amigos 60% dos participantes, principalmente os mais jovens (66% nos menores de 40) e menos os maiores de 60 (48%). Estas visitas foram mais referidas pelos residentes no Norte (62%) e menos pelos residentes na A.M. Lisboa (53%). Pouco mais de metade dos inquiridos (51%) foi à praia ou a espaços verdes públicos na semana anterior e esta frequência decresceu com a idade, de 58% nos menores de 40 a 42% nos indivíduos com 60 ou mais. Estes espaços foram mais frequentados pelos residentes na A.M. Lisboa.

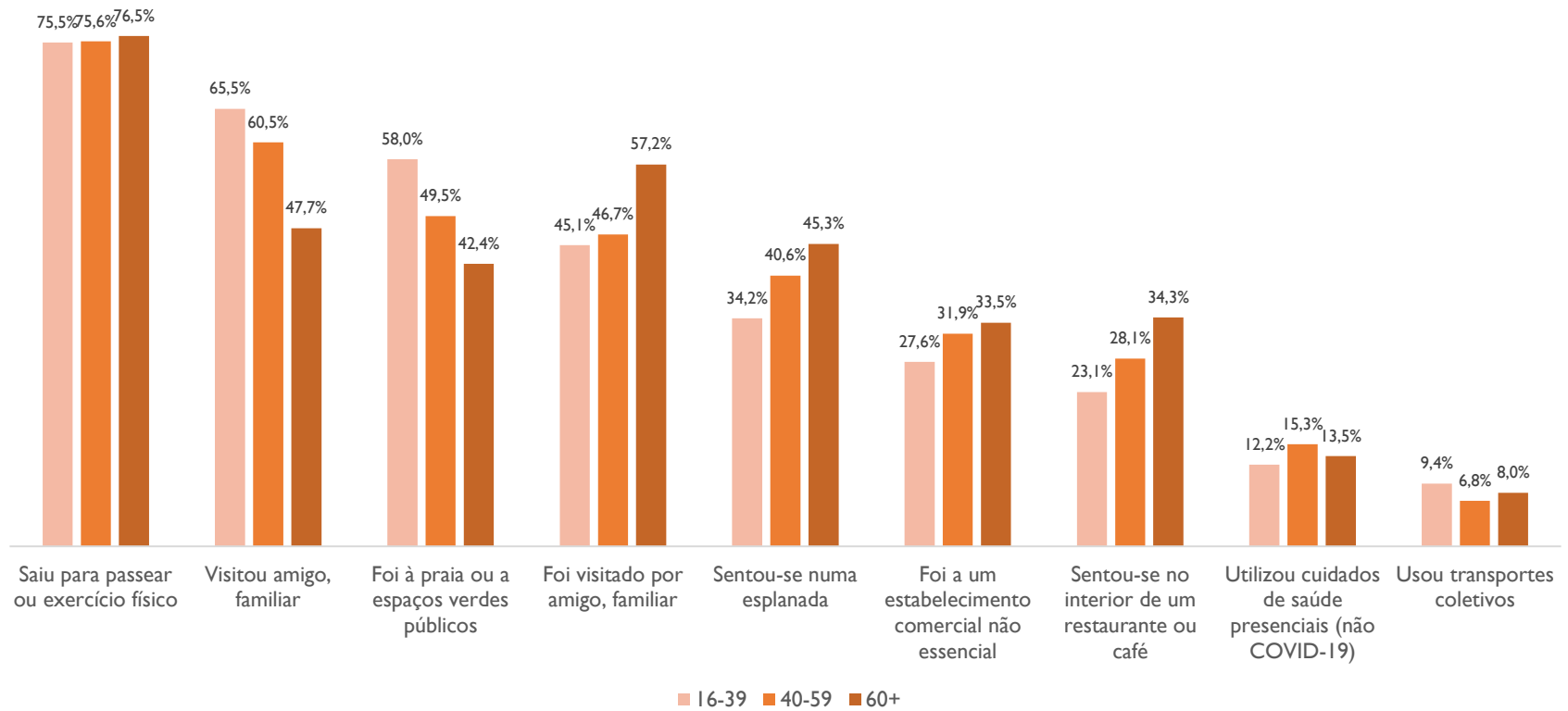
Na semana anterior, 40% dos participantes estiveram numa esplanada pelo menos uma vez. Esta proporção aumentou com a idade, de 34% nos menores de 40 para 45% nos indivíduos com 60 ou mais. Foi também ligeiramente mais elevada na A.M. Lisboa. Foram a um estabelecimento que consideraram não essencial 31% dos inquiridos, desde 28% dos mais jovens a 33% dos mais idosos. Na semana anterior, 28% dos participantes estiveram sentados no interior de um café ou restaurante, mais frequentemente os participantes com mais de 60 anos (34%, comparado com 23% dos mais jovens) e os residentes na região Norte (30%).

Referiram ter recorrido presencialmente aos cuidados de saúde por motivos não relacionados com a COVID-19 14% dos participantes, com frequência ligeiramente maior na A.M. Lisboa mas não sendo notórias diferenças entre idades. A utilização de transportes coletivos de passageiros foi referida por 8% dos inquiridos e principalmente pelos residentes na A.M. Lisboa. Foi também ligeiramente mais frequente nos mais jovens.

Na última semana:



Na última semana, pelo menos uma vez:



Na última semana, pelo menos uma vez:

